

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DE ARTES E ARQUITETURA
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA**

INGRIDI VERARDO DE MORAES

**NARRATIVAS DAS MULHERES NO METAL:
UM ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS DE DISCRIMINAÇÃO NA CENA**

CAXIAS DO SUL

2021

INGRIDI VERARDO DE MORAES

**NARRATIVAS DAS MULHERES NO METAL:
UM ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS DE DISCRIMINAÇÃO NA CENA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção de grau de Licenciado em
Música pela Universidade de Caxias do
Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Pereira
Porto

CAXIAS DO SUL

2021

INGRIDI VERARDO DE MORAES

**NARRATIVAS DA MULHERES NO METAL:
UM ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS DE DISCRIMINAÇÃO NA CENA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciado em Música pela Universidade de Caxias do Sul.

Aprovado em: __/__/__

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Patricia Pereira Porto
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof. Me. Windsor Osinaga
Universidade de Caxias do Sul - UCS

AGRADECIMENTOS

À minha família: avó, pai, tias, tios, primos e primas, mas principalmente à minha mãe, por ter me apoiado sempre e de todas as maneiras possíveis.

Ao meu avô, Arlindo, por ter sido sempre a minha maior inspiração na música.

Às amigas e aos amigos que fiz no decorrer da vida, por entenderem e permanecerem ao meu lado nesse momento mais imersivo de escrita e comprometimento.

Às amigas e aos amigos que fiz dentro da universidade e que de alguma forma se mantiveram constantes em todo esse período caótico que temos vivido.

Aos professores e às professoras do Curso de Licenciatura em Música, por serem o melhor corpo docente que um discente pode pedir e por servirem de exemplo profissional ao que quero me tornar.

À minha orientadora, que virou uma segunda mãe, por ter, além de me orientado durante o processo de construção deste trabalho, me instigado, me permitido, me apoiado, e por me apresentar o caminho da pesquisa acadêmica. Também pelas conversas e piadas sarcásticas de descontração em momentos tensos.

Às minhas queridas amigas e entrevistadas, que concordaram em responder as minhas perguntas e possibilitaram que eu conhecesse um pouco de suas histórias. Muito obrigada Heidi, Cristina, Marcela, Roxy, Alissa e Sharon.

Meu muito, muito obrigada!

“No matter where we’re coming from. No matter here we still belong. We’re sort of outlaws with a good cause. We give it all we bear the cross. We’ve made our choices, you’ll hear our voices it’s in the air all night long. You know we don’t care, we’re everywhere and we’re just moving on. We stand tall and unbound. Metal female voices make you loud ‘n proud. We stand up, we stand strong.”

Doro Pesch, Strong and Proud

RESUMO

Este trabalho de conclusão tem como objetivo discutir os processos de discriminação enfrentados pelas mulheres musicistas que se encontram no cenário musical do Rock e do Metal. A revisão bibliográfica foi estruturada a partir de trabalhos que abordam os temas de pesquisa de gênero, assim como sobre a participação de mulheres nos estilos musicais antes citados, tanto em sua história quanto em suas relações com a música e convívio social. Partindo de uma abordagem de pesquisa qualitativa, foi realizada uma pesquisa etnográfica, com mulheres que participam da cena Rock/Metal. Sendo assim, foram elaboradas entrevistas semiestruturadas que, posteriormente, foram analisadas, tendo como suporte o referencial teórico. De uma forma geral, os resultados da pesquisa demonstraram que existe ainda hoje muito preconceito em relação à mulher que faz Rock ou Metal, se manifestando através da inferiorização em relação à capacidade feminina de produzir música pesada e da objetificação do seu corpo.

Palavras-chave: Rock e Metal. Mulheres musicistas. Estudos de gênero.

ABSTRACT

This final paper aims to discuss the discrimination processes faced by female musicians who are in the Rock and Metal music industry. The bibliographical review was structured from works that address the themes of gender research, as well as the participation of women in the previously mentioned musical styles, both in their history and in their relationship with the music and social life. Based on a qualitative research approach, ethnographic research was carried out with women who participate in the Rock/Metal scene. Therefore, semi-structured interviews were elaborated and later analysed, having as support the theoretical framework. In general, the results of the research showed that there is still a lot of prejudice against women who make Rock or Metal music, which is manifested through the inferiority in relation to the female capacity to produce heavy music and the objectification of its body.

Keywords: Rock and Metal. Women musicians. Gender studies.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	09
2.1 ESTUDOS FEMINISTAS.....	09
2.2 TIPOS DE FEMINISMO	10
2.3 FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADE	11
2.4 MÚSICA E GÊNERO.....	13
3 ROCK & ROLL - DO CLÁSSICO AO METAL EXTREMO	15
3.1 HISTÓRIA DO ROCK.....	15
3.2 HISTÓRIA DO HEAVY METAL	16
3.3 TIPOS DE METAL.....	17
3.4 METAL E ROCK BRASILEIRO ESPECÍFICO.....	19
4 MULHERES NO ROCK E METAL.....	21
4.1 MÉTODO.....	28
4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	29
4.2.1 Outros.....	37
4.2.1.1 Algumas notas interessantes sobre os depoimentos	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICE A QUESTIONÁRIO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS PELO MEET ...	44
APÊNDICE B TERMO DE CONSENTIMENTO ENVIADO ÀS ENTREVISTADAS.	45
ANEXO A TERMO DE CONFIDENCIALIDADE ENVIADO ÀS ENTREVISTADAS	46

1 INTRODUÇÃO

Ao entrar na universidade, sabia que queria realizar um trabalho de conclusão com o tema relacionado às mulheres do *Rock* e *Metal* Brasileiro. Apesar disso, esse ingresso foi um momento de choque cultural, pois, desde o primeiro momento, tive um novo contato com o universo da música, da cultura brasileira e dos diversificados gostos dos meus colegas e professores. Ao ter um contato com este universo, pude perceber o quanto esses estilos diferentes de música tinham em comum: a discriminação de gênero. Foi aí que meu tema se desenvolveu.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é investigar a discriminação sofrida por artistas mulheres no cenário *Rock* e *Metal* Brasileiro. A fim de alcançar tal objetivo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres brasileiras, tentando expandir para o território nacional. A partir de uma pesquisa bibliográfica que vinha sendo realizada desde o meu terceiro semestre de faculdade, as entrevistas visaram complementar o estudo e entender de que forma essas mulheres percebem a discriminação, quais as suas histórias, e se acreditam que exista algum tipo de solução para o problema.

A revisão bibliográfica deste trabalho está dividida em 5 capítulos. O primeiro dedica-se a uma sucinta apresentação dos estudos feministas que questionam os padrões tradicionais. No segundo capítulo, comenta-se brevemente acerca do surgimento e sobre os tipos de feminino. No terceiro capítulo, discute-se sobre a interseccionalidade nos estudos feministas. As discussões sobre música e gênero se encontram no quarto capítulo, em que se busca relacionar a trajetória histórica das mulheres musicistas com a mulher *Rockeira*/*Metaleira* de hoje em dia. No quinto capítulo é apresentado os relatos das mulheres no *Rock* e no *Metal*, visando demonstrar o quanto elas lutaram para terem seu lugar de aceitação no palco.

A segunda parte do trabalho é dividida em dois capítulos. O primeiro, busca explicar os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, que tem caráter etnográfico, a saber: pesquisa bibliográfica, questionário semiestruturado e análise das entrevistas. No segundo capítulo é realizada a análise e discussão dos resultados, no qual se pretende correlacionar os relatos das entrevistadas com a pesquisa bibliográfica. Por fim, foram elaboradas as considerações finais.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 ESTUDOS FEMINISTAS

Os estudos feministas têm o intuito de questionar as abordagens epistemológicas tradicionais do sujeito epistêmico padronizado. O sujeito que nos é apresentado é masculino, branco e heterossexual, em geral americano ou europeu. No artigo *Epistemologia Feminista* (2019), de Janyne Sattler, percebemos que a epistemologia feminista não é apenas uma concorrente das diferentes vertentes a respeito da natureza dos fatos, ela trata sobre as questões de objetividade, racionalidade e até do conhecimento de forma singular. A partir disso, seu objetivo é trazer novas configurações e concepções a uma nova política epistemológica que seja inclusiva relativamente a sujeitos “não-universais”. Para tanto, a epistemologia feminista parte de dois pontos de vista complementares: “Por um lado, aquele que investiga as relações entre sujeito e objeto no ato do conhecimento. Por outro lado, aquele que interroga as influências do gênero sobre concepções e práticas epistemológicas.” (SATTLER, 2019, p. 3).

A partir daí, o padrão androcêntrico tradicional deve ir além de uma simples denúncia política. Com o feminismo, passamos a ter uma nova compreensão e significação do que seria “adequação”, conceito este que abre um leque para outras categorias que antes nem eram lembradas – corpo e gênero, por exemplo. Com esse conceito sendo colocado em prática, veríamos a emancipação feminista e inclusiva permitindo a todos o viver bem em um mundo que respeita e reconhece a abundância de vivências que existem.

Feminismo é palavra e movimento que ainda hoje causa alvoroço e que poucos conhecem o seu real propósito. Feminismo é mais do que “queimar um sutiã na praça”, é a afirmação de não ser subordinada a um condicionamento patriarcal estabelecido por homens brancos. É um movimento social e político que coloca a figura da mulher como um corpo presente a ser ouvido e respeitado.

2.2 TIPOS DE FEMINISMO

Historicamente, ao voltarmos no tempo, vemos três momentos que foram os pilares no estabelecimento do feminismo. No período da Revolução Francesa, vemos

o nascimento do feminismo. As mulheres da época, ao perceberem que as liberdades e os direitos jurídicos não haviam sido aplicados a elas, começaram a reivindicar seus direitos de autonomia e igualdade. Segundo Ana de Miguel, em seu livro *Los Feminismos* (2000), a segunda fase do feminismo aconteceu nos Estados Unidos no contexto de luta pela independência do país e pelo movimento abolicionista. As mulheres lutaram pelo direito ao voto e pelos direitos educacionais. O terceiro movimento inicia na década de 60, quando as mulheres lutaram pelo reconhecimento da diversidade e pela liberdade sexual.

Pilar Sánchez Álvarez, em seu artigo *Definición de Feminismo: Inicios de este movimiento* (2020), lista alguns grupos feministas contemporâneos:

- o anarquismo feminista, que se refere a um feminismo radical que defende que o sistema patriarcal que a nossa sociedade vive hoje em dia é o verdadeiro problema;
- o abolicionista, que luta contra a prostituição e a pornografia, manifestações próprias do patriarcado;
- o eco feminismo, que relaciona ecologia e feminismo, defendendo a opinião que conjuntamente deveriam traçar objetivos comuns de igualdade de direitos e abolição de hierarquias;
- o feminismo negro, que parte da ideia que as mulheres negras sofrem dupla discriminação: de gênero e de raça.

Além dos grupos acima citados, também existe o feminismo liberal, que traz uma ideologia mais antiga, surgida na Revolução Francesa. Essa perspectiva de feminismo tem como objetivo promover a igualdade entre homem e mulher, tendo como foco inserir as mulheres dentro das estruturas da sociedade. (REIF, 2020, n.p).

Silvana da Silva pontua que o Feminismo Negro deixa seu legado histórico de luta contra a discriminação de gênero, raça e classe, no combate aos estereótipos e imagens de controle, na atuação como mães, líderes e professoras, e na política sexual. (SILVA, 2019, n.p). Dentro dessa fundamentação, o feminismo negro atua na redução de desigualdades provocadas pela questão racial e de gênero, que são pontos principais nas condições econômicas e sociais de determinados grupos. A autora e ativista norte-americana Angela Davis comenta que o feminismo, em toda sua dimensão, deveria ser inclusivo para que desse certo:

Esta é uma das mais importantes dimensões do feminismo. Nós reconhecemos que ao falarmos sobre uma questão aparentemente pequena, afetamos o todo. E isso faz parte do entendimento de lutar por liberdade e justiça para todos. Para o feminismo ser relevante ele precisa ser antirracista e incluir todas as mulheres das mais diferentes esferas. (MARTINELLI, 2019, n.p).

Assim como Angela pontua em sua coletiva de imprensa, vemos que os diferentes tipos do movimento se manifestam contra o sistema sociopolítico que coloca os homens no poder, mais conhecido como patriarcado. O poder da mudança está nas lutas feministas, assim como Davis comenta: “Não estou aceitando as coisas que não posso mudar, estou mudando as coisas que não posso aceitar”. (MOREIRA, 2016, n.p).

2.3 FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADE

“O termo interseccionalidade tem sido usado por acadêmicos, militantes de políticas públicas e docentes de ensino superior de diversas áreas interdisciplinares como uma orientação para as questões sociais, direitos da classe trabalhadora, violência e feminismo”. (COLLINS; BLIGE, 2021, p.16). Então, o que é interseccionalidade? No livro intitulado *Interseccionalidade*, Collins e Blige comentam que teríamos as mais variadas respostas para esta pergunta, mas que a maioria aceitaria uma explicação mais geral:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS; BLIGE, 2021, p. 17-18).

Conforme o exposto acima, entende-se que interseccionalidade envolve questões de raça, classe e gênero, questões que não devem ser tratadas como um aspecto diferenciativo e sim, que funcionam de forma consolidada, pois em dados períodos e determinadas sociedades, as relações interseccionais influenciam e afetam os aspectos do convívio social.

A tragédia do edifício Rana Plaza em 2013, em Daca, capital de Bangladesh, ilustra como o uso dos marcos interseccionais pode lançar luz sobre os protestos sociais globais e o ativismo político. (COLLINS; BLIGE, 2021, p. 188). A morte de 1.129 trabalhadoras e trabalhadores, e as 2500 pessoas que se feriram na indústria do vestuário, é exemplo do quanto ruim as coisas podem ficar se não houver alguma mudança. A indústria do vestuário, da moda, ainda é conhecida por suas inúmeras explorações e pelas condições precárias de trabalho. O acontecimento de Rana é só mais um episódio. Conforme as autoras:

Tragédias como a do incêndio da Triangle Shirtwaist e o desabamento do Rana Plaza catalisaram ao mesmo tempo os protestos globais e a mobilização pelos direitos de trabalhadoras e trabalhadores. O movimento contra a exploração como parte de um apelo mais geral pelos direitos da classe trabalhadora revela maneiras importantes de protesto contra a crescente desigualdade social, a saber, a construção de um imaginário político transnacional como forma de entender como as trabalhadoras são exploradas na indústria do vestuário. (COLLINS; BLIGE, 2021, p. 189).

Uma indústria que é movimentada pelas mulheres que consomem as roupas, mas que deixa de lado os trabalhadores que se feriram no acontecimento. De acordo com Collins e Blige:

[...] em 1911, nos Estados Unidos, a fábrica Triangle Shirtwaist Company em Nova York pegou fogo. O incêndio matou 145 trabalhadores, em sua maioria mulheres jovens imigrantes. Quase todas eram adolescentes que não falavam inglês e trabalhavam doze horas por dia, todos os dias, por quinze dólares semanais. (COLLINS; BLIGE, 2021, p. 188).

Esses são exemplos de situações que poderiam ser evitadas. Temos a mobilização que aconteceu em 2015, quando mulheres do mundo inteiro compartilharam o *slogan* do segundo aniversário do acontecimento do Rana Plaza: “Rana Plaza está em toda parte”. A marcha destas mulheres é um marco do interseccionalismo feminista, visto que lembrou a tragédia que matou pessoas na indústria do vestuário, mas que também buscou conscientizar e exigir que as mudanças aconteçam fora do papel e dos holofotes de revistas e jornais. O feminismo e a interseccionalidade buscam o reconhecimento de suas questões para que um dia, quem sabe, as diferenciações deixem de existir.

2.4 MÚSICA E GÊNERO

Segundo Catarina Leite Domenici, a *performance* envolve o desenvolvimento de inúmeras habilidades que vão do domínio da leitura musical à técnica instrumental, além de realizar uma imersão em sua cultura e traçados ideológicos. De forma geral, é possível identificar que as estruturas de poder e o sexismo presentes na política e nos direitos de liberdade se encontram também no aprendizado musical. De acordo com Leppert:

Os homens eram encorajados a desenvolver uma relação teórica com a música, compreendendo seus aspectos científicos e estéticos através da contemplação silenciosa. A prática musical era reservada às mulheres, sendo esperado que aprendessem a tocar um instrumento (preferencialmente de teclas) como forma de entretenimento doméstico despretensioso, pois lhe era vedado desenvolver seus talentos para não competir com o seu marido aos olhos dos outros. (LEPPERT, 1993 *apud* DOMENICI, 2013, p. 89-90).

Conforme o citado acima, podemos perceber as consequências dessa sociedade que ditava “o que” e “como” as mulheres deveriam se comportar sem se tornar uma ameaça à imagem dos maridos. Historicamente as mulheres sempre foram dominadas pelo homem, sendo colocadas em uma posição de ser somente um objeto de *commodity*¹. Por séculos, tentamos conquistar nosso lugar de respeito como indivíduo em sociedade, mas como de costume, somos perseguidas por nossos atos.

No cenário *Rock* e *Metal* não é diferente, já que é caracterizado por ser um meio dominado por homens virtuosos em um palco e, na plateia, por mulheres vistas como “fãs dispostas a servir a seus ídolos”. Em uma entrevista, a guitarrista e fundadora do *The Runaways*, Joan Jett, fala sobre o machismo no *Rock* e como ainda hoje ele existe:

Sempre foi domínio masculino, um mundo de homens. E de repente as garotas estavam com uma guitarra. Foi uma reação natural dos homens: ‘Não, você não pode tocar’. Para mim, de forma lógica, não fazia sentido. Não era que elas não podiam dominar o instrumento, elas não tinham permissão socialmente falando, justamente porque o rock é sexual. (JETT, 2012 *apud* DE PAULA, 2015, p. 7-8).

Joan Jett coloca em questão a permissão social da mulher em relação ao fazer música, ao fazer *Rock*. O “lugar da mulher” não era sendo musicista, compositora e

1 Objeto de troca ou prazer.

muito menos uma *Rockstar*. O esperado era que a mulher deveria ser mãe e esposa. Assim como Debbie Harry, líder da banda *Blondie*, comenta no documentário *Blondie's New York and the Making of Parallel Lines*: “Esperavam que eu constituísse uma família e fosse a mulher, fosse a esposa, e me culpam por eu não ter sido boa nisso”. (HARRY, 2014 *apud* DE PAULA, 2015, n.p).

Conforme o tempo foi passando, as mulheres encontraram formas de responder ao sexismo da indústria musical, como por exemplo, o movimento *Riot Grrrl*. Em 1990, Allison Wolfe e Kathleen Hannah produziram *fanzines* que traziam no conteúdo ideais feministas e incentivavam outras mulheres a montarem suas próprias bandas. Esse movimento trazia do *Punk Rock* os ideais do “*do it yourself*”, incentivando um modo independente de produzir e disseminar o próprio trabalho sem ter que recorrer às gravadoras e às grandes mídias. (DE PAULA, 2015, p. 8).

Outro exemplo do movimento feminista na cena *Rock e Metal* é o *Girls Rock Camp Alliance*, organização americana que realiza eventos em todo o mundo. Esse acampamento investe no potencial da música como ferramenta de conscientização de meninas. O curso tem duração de 1 semana e contempla atividades de desinibição, aumento e fortalecimento da autoestima e ensina as meninas a tocarem um instrumento. Todo esse esforço é para quebrar as barreiras que ainda existem hoje, de que o “lugar das meninas e das mulheres é na cozinha”. Não, o nosso lugar é onde a gente quiser!

3 ROCK & ROLL – DO CLÁSSICO AO METAL EXTREMO

3.1 HISTÓRIA DO ROCK

“*Rock’n’Roll* é o nome do movimento que levou a música negra para a sala de estar dos brancos dos Estados Unidos. Não apenas a música – também as gírias, o comportamento e a dança sensual dos afro-americanos”. (DOSSIÊ SUPER INTERESSANTE, 2019, p.7). Segundo a História do *Rock* da Super Interessante, na década de 50 ainda o país era um lugar racista e segregado, a população negra sofria em não poder ocupar assentos que eram reservados para os brancos no ônibus.

Iniciamos com o nome “*Rock and Roll*”, conotação sexual bem clara ao “balançar e rolar”. O *Rock* começava a dominar o território das classes altas americanas com seu que nasceu do cruzamento do *blues* com a música branca rural. O canto do *blues* nasceu no começo do século 20, nos campos de algodão dos Estados Unidos, o canto triste é uma forma de expressão do lamento e sua distração do trabalho pesado dos negros nas colheitas. Já a música caipira branca tinha duas vertentes: o *country* e o *western*. As duas têm suas raízes vindas da música folclórica da Europa, canções de origem celta, inglesa e germânica. “Tanto o *blues* quanto o *country & western* davam voz a gente simples, de pouca instrução.” (DOSSIÊ SUPER INTERESSANTE, 2019, p. 7).

Com o tempo o *blues* ganhava multidões com letras explícitas e solos de guitarras, ao mesmo tempo o *country & western* se tornava um fenômeno popular, os estilos cresciam em seus jeitos distintos, foi só com a chegada de um caipira branco chamado Elvis que a história do *Rock’n’Roll* teve início. Elvis se identificava com a cultura negra mais do que com a branca, escutando muita música *gospel* negra.

Em fevereiro de 1954, no Club Handy, Elvis cantou pela primeira vez diante do público negro. Infringindo a lei local que proibia que um branco entrasse em um estabelecimento negro, cantou Milkcow Blues Boogie (Kokomo Arnold) e That’s All Right Mama (Arthur Big Boy). Cantando música de negro e mexendo a pélvis, Elvis, já prometia uma revolução musical. (PORTO, 2016, p. 35).

Sua interpretação de *That’s All Right Mama* marcou a fusão da música branca e negra, com apenas 19 anos Elvis virou celebridade. O *Rock* passou a ser impulsionado e o *Rock* branco surgiu com Elvis, que trouxe Johnny Cash e Jerry Lewis para a nova moda. Em 1956 tivemos os primeiros filmes estraldos por Elvis, “Ama-me

com ternura” e em 1957, “Prisioneiros do *Rock*”. A pioneira do *Rock* Feminino na época foi Wanda Jackson, ela misturou o *country* com *rockabilly* de movimento rápido.

A ascensão do *Rock* criou suas vertentes, como o *Rock* psicodélico, *Punk Rock*, *Glam Rock*, mas também evoluiu para um gênero que manteria os mesmos princípios do *Rock*, mas que traria muito mais elementos ao som, tornando-se um gênero com suas próprias vertentes: o *Heavy Metal*.

3.2 HISTÓRIA DO HEAVY METAL

O *Metal* é um subgênero da música *Rock* que tem seu estilo musical definido em meados da década de 1970, sua base vem das bandas de *Hard Rock* que buscavam um som denso e pesado nas guitarras e bateria. “O metal começou a ganhar popularidade nos anos 1970 e 1980. [...] O heavy metal tem um grande seguimento mundial de fãs conhecidos por termos como “metalheads” e “headbangers”. (NOBRE, 2019, n.p).

A partir do crescimento do estilo, o *Metal* se apropriou da música clássica, incluindo influências de compositores barrocos, românticos e modernistas. Com isso a música ganhou velocidade e técnica para a execução e criação das músicas.

Vários músicos de metal notaram o papel do trítono no metal, um intervalo entre alturas de duas notas musicais que possua exatamente três tons inteiros, o que ostensivamente resulta em um “som mau”, tanto que seu uso foi supostamente proibido na composição medieval, classificado como *Diabolus in Musica* (O diabo na música). [...] O trítono é parte do patrimônio do metal, é fundamental para seus solos e riffs, como no início do álbum epônimo do Black Sabbath. (NOBRE, 2019, n.p).

A partir disso surgiu o termo “música pesada”, embora já tivesse sido usado antes em algumas músicas ou para classificar o som de algumas outras banda, o *rock* pesado se transformou em *Heavy Metal*. O nome vem junto com o surgimento da “*New Wave of British Heavy Metal*”, movimento que surgiu na Inglaterra num momento em que a situação econômica e social do país sofria sérios agravantes, como taxa de desemprego atingindo 20% combinado com a inflação crescente.

O Heavy Metal enfrentou a situação a partir da atuação do grupo inglês Motorhead, através da figura de seu líder Lemmy, um ex-roadie do guitarrista norte americano Kimi Hendrix. Feio, utilizando um visual que incluía cinto de balas de revólver, coletes jeans, camisas de cowboy, com uma temática lírica que versava abertamente sobre sexo, drogas e rock'n'roll, Lemmy é a verdadeira representação dessa geração que passou pela desilusão do “paz

e amor” e se viu jogado na disputa selvagem e individualista da crise do início dos anos 1980. (PORTO, 2016, p. 43).

A ideia do movimento do *Metal* para os jovens que procuravam o seu espaço no meio, veio então um som com um ar mais violento a quem fosse para se defender e se expressar. Se considerarmos que o ano de nascimento do *Metal* é realmente entre 69 e 70, temos 53 anos de música pesada que vem se desenvolvendo a cada momento, mas sempre com o mesmo princípio: o de incomodar muita gente e ainda ser fonte de inspiração e luta para seus fãs e seguidores ao redor do mundo. Não importando qual o subgênero do *Metal* você siga, você sempre ouvira com o volume bem alto, “*horns up*” (chifres ao alto) e com bons “*headbanging*” (bater cabeça).

3.3 TIPOS DE METAL

Antes de entrar em alguns dos tipos mais variados e famosos do *Metal*, algo que traz um grande impacto e uma distinção ao *Rock* é:

O principal aspecto distintivo do heavy metal é a sua sonoridade agressiva e a sensação de peso, produzida pela maneira como os instrumentos musicais, em especial as guitarras são equalizados e arranjados. O “peso” para o gênero é tão importante que a evolução do heavy metal para muitos fãs é descrita “como uma progressiva busca por uma música mais pesada”. (BERGER, 2005 *apud* SILVA, 2008, n.p).

O domínio dos instrumentos, a habilidade na execução das músicas, o virtuosismo nas guitarras, tudo isso envolve o universo do *Metal*. Ainda outra distinção que vai além do som agressivo e impactante é as letras relacionadas às temáticas não tradicionais, com assuntos sensíveis ou de grande impacto social. O visual com símbolos e expressões que retratam uma certa discordância com os ideais sociais, políticos e religiosos ou até um padrão de estilo de vida. E para finalizar, o *Metal* também incorporou ao seu som, a música clássica, para criar sons épicos.

O *Metal* evoluiu e deixou de ser um subgênero do *Rock* para ser um gênero, a partir disso seus subgêneros foram criados com a comum utilização de amplificação, distorção de instrumentos, *riff* estruturais, *power chords*, afinações abaixadas, andamentos contrastantes, compassos quaternários com e desvios sobrepostos ao pulso, intervalos dissonantes e harmonias modais. (PORTO, 2016, p.08).

Com isso tivemos a criação do *Trash, Speed, Death, Black, Doom, Gótico, Power, Prog, Sinfônico, Folk* e tantos outros subgêneros do metal que em sua base se utilizam das mesmas regras, mas que adicionaram algo a mais para a criação única do seu estilo. Vamos nos focar no Gótico, *Trash*, Sinfônico, *White* e *Black Metal*, já que foram os estilos mais citados pelas entrevistadas.

Para o estilo do *Trash Metal*, o vocal é gritado e/ou rasgado, com duas guitarras, um baixo, bateria. Sua sonoridade é a afinação abaixada, mudanças de andamento, harmonias menores, dissonância e suas letras trazem uma crítica sociopolítica e questões existenciais. Algumas das bandas mais famosas do estilo são: *Metallica, Slayer, Megadeth*. (PORTO, 2016).

No Gótico, o vocal pode ser o gutural, o natural e/ou operístico e conta com uma forte presença feminina. Os instrumentos normalmente são guitarra, baixo, bateria e teclado, com a sonoridade de harmonias menores, dissonâncias e a linha melódica sendo muito importante. As letras trazem o oculto, o paganismo, questões afetivo-sociais e o horror gótico (romantismo). As bandas mais famosas do estilo: *Lacuna Coil, The Gathering e Tristania*. (PORTO, 2016).

Para o Sinfônico, tem-se o vocal lírico feminino contrastando com o vocal gutural masculino, sendo uma forte presença feminina. Normalmente duas guitarras, baixo, teclado e bateria. Sonoridade pesada, mas com empréstimos da música clássica, ritmos assimétricos. As letras abrangem vários temas, fantasia, mitológicos, ciência, física e questões sociais. As bandas mais famosas do estilo são: *Epica, Nightwish e Within Temptation*. (PORTO, 2016).

White é o estilo que se opõe ao tema satanista do *Black metal*. Com vocais limpos, sonoridade "limpa", bateria ao estilo *Hard Rock*, temática cristã. As bandas mais conhecidas são: *Stryper, Extol e Horde*. (PORTO, 2016).

Black, com vocais gutural ou gritado rasgado, guitarra, bateria, baixo e as vezes teclado. Muitos *blast beats*, mudanças de andamento, harmonias menores, dissonâncias. Letras que remetem ao anticristianismo, satanismo, paganismo, mitologia (especialmente a Nórdica), idade média e questões raciais. Essas bandas usam bastante o *corpse paint*, que é pintar o rosto para parecer com a morte e ser assustador. As maiores bandas do estilo são: *Katatonia, Burzum e Mayhem*. (PORTO, 2016).

Conforme as informações acima, percebe-se a vasta qualidade e diferencial do *Metal* para o *Rock*. Agora é necessário entender a entrada do *Metal* no Brasil e de que forma isso chega nas meninas, garotas e mulheres.

3.4 METAL E ROCK BRASILEIRO ESPECÍFICO

“A história do som pesado no Brasil remonta os anos 1970, quando diversas bandas faziam o que se chamava, na época, de “rock pesado” ou “rock pauleira”, inspirado em bandas como *Led Zeppelin*, *Deep Purple* e *Black Sabbath*”. (FARIAS SILVA, 2014, p. 86). A partir disso surgiram as bandas brasileiras como Os Mutantes, Casa das Máquinas e Patrulha do Espaço e mesmo que apresentassem mais de uma postura roqueira e um som não tão pesado, elas contribuíram para que o estilo se propagasse no território brasileiro.

A primeira banda brasileira com som pesado é, sem dúvida, a *Made in Brazil*, que iniciou em 69, mas ainda não tinha recebido o termo de *Heavy Metal*, pois o estilo musical ainda estava no início. O exposto abaixo fala um pouco da banda pioneira do *Heavy* no Brasil:

Com um som calcado nas bandas inglesas mais pesadas da época, o *Made in Brazil* fazia seu trabalho musical com uma temática fundamentalmente urbana, sem uma politização clara nas letras, que versam sobre louvações ao modo de viver rock and roll, amores e situações quotidianas de uma grande cidade. (SILVA, 2014, p. 87).

O som pesado brasileiro começava a se desenvolver e sofreria críticas de dois lados: os militantes políticos que lutavam contra a ditadura, quanto os da própria ditadura. Wlisses (2014) pontua o que os conservadores viam no roqueiro brasileiro da época:

Os conservadores viam nos cabelos grandes e no som pesado (como até hoje) uma apologia às drogas, e os “engajados”, enxergavam a “alienação”, como cantou Rita Lee: “roqueiro brasileiro sempre teve cara de bandido [...]”. (SILVA, 2014, p. 89).

Apesar de o país ter sofrido com a ditadura e crises políticas e econômicas, a *New Wave of British Heavy Metal* passa a ser mais conhecida no Brasil e se espalha pelas regiões. “Este gênero musical aporta basicamente no início da década de 1980

através dos discos de vinil encontrados em lojas espalhadas por todo país e acabou caindo no gosto de uma parcela da juventude”. (SILVA, 2014, p. 94). Com essa juventude se interessando pelo som pesado, começaram a aparecer os problemas dos estereótipos que já vinham com o *Rock*, mas nesse caso como o *Metal* é mais pesado, o metaleiro por consequência é muito pior do que roqueiro. Além disso, na época, a dificuldade em encontrar LPs das bandas e equipamentos disponíveis precários para quem queria formar uma banda ou simplesmente tocar. E é aí que surge as trocas de material por parte de integrantes de bandas, como pode ser encontrado um breve relato no livro *Tá no Sangue*:

De Pelotas a Santa Maria, de Porto Alegre a Caxias do Sul, o cenário estava se formando, criando assim uma rede de contatos via cartas, com trocas de fitas K7 e muitas ideias em ebulição. O radicalismo sempre presente, fazia parte desta galera, que, vestidos de jeans rasgados, coturnos, coletes de patches e braceletes com pregos, fizeram história. Esse contato mais visceral, através de cartas, apesar de lento, era essencial. (TORRACA; AGUIAR; LEITE, 2014, p. 275).

Desse modo, vemos que a característica marcante da época em troca de material era o suficiente para criar uma rede de contatos e o melhor, ajudava outros músicos ou somente ouvintes do estilo a ter ideias ousadas, radicais e diferentes. E com a cena evoluindo, temos o *Metal* criando seus subgêneros e neles a inserção do papel da mulher sendo destacado, mesmo que o som fosse para homens viris e másculos.

4 MULHERES NO ROCK/METAL

Com a chegada das mulheres aos palcos no início dos anos 40, o auge de bandas femininas iniciou nos anos 80 e 90 no cenário do *Rock* e do *Metal*. Assim, a tradição de uma liderança somente masculina começava a deixar de existir, já que muitas mulheres confrontaram os parâmetros estabelecidos anteriormente por homens nesse meio. A novidade assustava, ao mesmo tempo que proporcionava à indústria um novo produto com destaque na objetificação do corpo feminino. Aí nasceu o pensamento divisor de águas para os metaleiros.

Segundo Jill Kirtland:

Entoar notas profundas, mas agudas, guitarras velozes e bateria de pedal duplo, eram geralmente executadas por um homem. Com a testosterona nas alturas e com a agressividade da música, um show de metal não era um local para uma garota, ou era o que muitos pensavam². (KIRTLAND, 2014, p. 09).

Um problema recorrente de bandas com mulheres em sua formação é o ser “levada a sério”. Ainda existe o mito de que uma mulher não gosta de metal pela música em si, e que seu real interesse seriam os músicos homens. Nisso, se estabelece por vezes uma dualidade, “ser ‘puta ou deusa”, “agir como um homem ou parecer uma mulher”³. (NORDSTRÖM, 2015 *apud* HILL, 2016). Assim se estabeleceu uma linha tênue entre não ser “masculina o suficiente” para o metal e nem “feminina o suficiente” para o *mainstream*.

Em uma entrevista, Fernanda Lira, ex-vocalista e ex-baixista da banda Nervosa e atual integrante da *Crypta*, comentou sobre uma situação que ela e as ex-colegas de banda já passaram:

A banda Nervosa inteira foi barrada no próprio camarim. Ao chegarem, o segurança disse que a partir daquele ponto só poderia passar a banda. Elas então, mostraram as credenciais e o segurança respondeu dizendo que era só para a banda e não para as acompanhantes. Elas tiveram então, que chamar o produtor (homem) para explicar para o segurança que elas ERAM a banda. (LIRA, 2020, n.p).

2 **Do original:** “Belting out deep but high notes to shredding guitars and double bass drumming was usually done by a man. With testosterone flying high and the aggressiveness of the music, a metal concert was no place for a lady, or so many thought...”

3 **Do original:** “Women face three ‘dualities’ when participating in metal: ‘whore/goddess’, in which they must prove their knowledge of metal in order to be seen as a ‘worthy’ fan; ‘acting male/looking female’, where they need to get the balance of performance right; a ‘twilight zone’ in which they are not masculine enough to be accepted in metal nor feminine enough to be accepted in the mainstream.

As integrantes da banda Nervosa foram julgadas como acompanhantes dos músicos homens, não passou em nenhum momento pela cabeça do segurança que aquelas mulheres eram a atração musical da noite e não a atração de homens de outras bandas. Isso se repetiu também com a ex-baixista da banda White Zombie, que comenta que cansou de receber visitas de mulheres e homens em seu camarim acreditando encontrar um homem e não uma mulher (STAGGS, 2020). Sean Yseult teve que tornar o seu gênero invisível, ao ponto de que mulheres e homens acreditassem que ela era um cara que tocava muito.

Estamos habituadas a responder perguntas ou a ouvir comentários do tipo: “Você toca bem para uma mulher”, “Nossa, você toca como o baixista de tal banda”, e é nessas horas que surge a pergunta retórica, mas importante: “Você faz esses mesmos comentários para um homem?”.

Essa mentalidade enraizada no *Metal* não vem só dos homens, mas também das próprias mulheres da cena. A atual vocalista da banda *Torture Squad* sofreu alguns ataques quando assumiu o lugar do vocalista anterior. Após 25 anos com um homem liderando os vocais, May Puertas assumiu os vocais e recebeu diversas críticas antes de cantar. A cantora sempre se posiciona ao falar destes assuntos e destacou que o preconceito não tem se destacado somente através dos homens, mas também através das mulheres. De acordo com May:

Tem as meninas também, porque o machismo não vem só dos caras, vem das meninas também. Tem muita mina que acha que pra você cantar metal extremo você tem que deixar a sua feminilidade de lado [...]. Depois eu percebi que eu não tinha porque abrir mão das coisas que eu gostava, do meu jeito de vestir e que se eu queria ser feminina eu tinha que usar o que eu gostava. Só que tem garotas que curtem metal extremo, mas acham que se você vai tocar você tem que abrir mão da sua vaidade e ser o mais masculina possível. Aqui em SP já tem uma cena com muita banda feminina, e toda cena tem suas tretas. Então tinha umas que quando viam uma que era mais feminina, que gostava de usar visu que ela se expressava da maneira que ela gostava, falavam, não, mas você tá aí pra se aparecer com essa roupa, você quer chamar atenção. (PUERTAS, 2020 *apud* LIRA, 2020).

Ainda hoje a mulher é objetificada, “quanto mais sensual, mais você será vendida”. Seu reconhecimento vem das suas roupas e de seu corpo, não de sua musicalidade. A ex-vocalista e atual *manager* da banda sueca Arch Enemy comenta sobre sua entrada na banda e sobre o primeiro *single* lançado internacionalmente com ela. Segundo Angela Gossow:

O nosso novo single seria lançado, mas com nenhuma menção de quem era o novo vocalista da banda e as pessoas achavam que era só mais um cara. Eles falavam nomes de caras que eles achavam que poderia ser. Seis meses depois, o *Arch Enemy* falou aos fãs que a voz era na verdade de Angela Gossow, cantora alemã. Esse momento foi quando eles perceberam que não poderiam voltar atrás e dizer “Isso não é uma garota” ou retirar a aprovação que eles já haviam dado antes. Então, fomos muito espertos nesse quesito. Hoje em dia já é diferente, as bandas usam sua vocalista mulher como uma ferramenta de marketing. Eles colocam fotos onde ela mostra tudo que ela tem ou sei lá o que – Que ela é muito linda – e então postam sua música, e acho isso muito perigoso porque a banda será julgada pela imagem e corpo da garota.⁴ (GOSSOW, 2014 *apud* KIRTLAND, 2014).

O que Angela quis dizer com “As bandas usam a imagem da mulher como uma ferramenta de marketing”, é que as bandas iniciam no meio chamando atenção não para sua música, mas para sua *frontwoman*, ou seja, não se conquista fãs e público pela qualidade musical e sim pela qualidade do corpo da musicista, seja ela vocalista, guitarrista ou baterista. Ser músico já é uma profissão que te coloca em exposição, quando o corpo feminino é a “estampa da música”, a mensagem que outras pessoas podem receber pode estar equivocada.

Já não bastasse a venda da mulher para deslanchar a carreira da banda, estamos acostumados, infelizmente, a nos depararmos com as famosas fotos promocionais da banda ou matérias que tem como título “As mais gostosas do metal”, sem mencionar as capas de álbuns, onde o apelo sexual da mulher é destacado.

O canal *Metal Ground* fez um vídeo falando sobre as mulheres no *Metal*, no qual podemos ver que bandas de *Metal* Melódico, *Death* e *Viking*, vertentes do *Metal* Extremo, adoram remeter às histórias da Idade Média, afim de reproduzir um cenário onde a mulher é a “donzela em perigo”⁵. Naquele período a mulher servia somente para reproduzir, criar filhos, ser estuprada, prostituta e escrava. A apresentadora do vídeo Natália Ribeiro comenta sobre essa sexualização que vem sendo passada ainda hoje no *Metal*:

4 **Do original:** “We just put out a new single without announcing who the new singer was, and people were assuming it was just another dude. They were throwing a bunch of names out there of guys they thought it might be – some thought it was Tomas [Lindberg] from At the Gates and some thought it was Jeff [Walker] from Carcass. And six months later Arch Enemy told the fans that this was actually Angela Gossow, a lady from Germany. You know that was the moment where they couldn't turn around and say, ‘That's not a chick’ or fail to give their approval. So, we were really quite clever there. These days it's the other way around; a band will use their female singer as a strong promotional tool. They bang out pictures where she's showing off what she's got or whatever-show she's very pretty – and then they post the music, and I think this is dangerous because then the band will be judged by the image and look of the girl.”)

5 GROUND. *Metal. A Sexualização das Mulheres no Metal*. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zY6L7didgd0&ab_channel=MetalGround>

Já temos fotos insinuantes de bunda demais, precisamos de mais vozes e atitudes para afastar esse ranço machista que existe no meio. Temos que nos manter unidas para sermos ouvidas. Temos que ser nós mesmas. Mostrar que não conseguimos nosso lugar apenas pela sedução por sermos mulheres lindas e frágeis. Chegou a hora de agradarmos a nós mesmas. (RIBEIRO, 2015, n.p)⁶.

A cena tem mudado a passos lentos, mas ainda falta respeito com muitas mulheres que batalharam uma vida toda para fazerem o que gostam, e isso desmotiva as novas gerações. Angélica Burns, vocalista do *Hatefulmurder*, comenta no documentário “Metal é só pra Homem”, que “respeito não é só porque é homem e mulher, respeito tem que existir por você ser uma pessoa”. Apesar de ser uma fala simples, é importante, já que todos somos pessoas e merecemos ter uma chance de tentar e experimentar sem medo de represálias. É necessário tomar cuidado, pois este tipo de comentário dilui as diferenças que são feitas e por fim podem esconder os conflitos existentes entre as pessoas, que é isso que a interseccionalidade trabalha, o fato de enxergar as questões de raça, classe e gênero, assuntos que não devem ser vistos como algo diferente, mas como parte normal da vida. Junto com isso esses temas trabalham a exigência de mudanças e conscientizações a partir das raízes do Interseccionalismo.

Como exigir que a cena mude se muitas vezes os integrantes de banda não respeitam a mulher que se encontra nela? Liv Kristine, cantora, compositora e fundadora do *Leaves' Eyes*, passava por um momento difícil em sua vida em 2016. Ela estava se divorciando de seu marido, Alexander Krull, também vocalista da banda. O divórcio se deu por Alexander ter traído Liv com outra mulher. Com a tensão na banda aumentando, os integrantes decidiram demitir sua fundadora e substituí-la por uma cantora nova. Em uma recente entrevista, Liv conta que após cinco anos de sua saída, dois membros da banda a estão processando mesmo depois de terem tirado dela, sem nenhum aviso prévio, sua fonte principal de renda. Para Liv:

Eu nunca teria previsto que sofreria um tratamento tão injusto, por que não simplesmente acabar com isso e deixar cada um no seu canto? Pensei que seria isso que iria acontecer em 2016 ao me divorciar, tentando continuar com a minha vida, tentando encontrar empregos das nove às cinco e uma casa boa para minha família. Quando na verdade, eu que perdi minha banda formada com meu amigo e baixista Chris Lukhaun em 2003. Nunca pedia aos atuais membros da banda por compensação, aconteça o que acontecer, quem publicou o “protocolo” falso no noticiário de abril de 2016 que eu não

6 GROUND. Metal. **A Sexualização das Mulheres no Metal**. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zY6L7didgd0&ab_channel=MetalGround>

tinha nem assinando ou aprovado continuará no julgamento e haverá exame judicial severo do caso. Tenho que definir limites agora. Não quero ser parte da destruição de outras pessoas, mesmo assim, espero solução pacífica e vou garantir que a verdade venha à tona. (KRISTINE, 2021 *apud* MAIATO, 2021, n.p).

No início de 2020, o meio musical do *Rock* e do *Metal* foi surpreendido com as acusações feitas contra o titã dos agendamentos de *shows*, John Finnberg, que foi acusado de *bullying* e assédio sexual. John foi agente de *shows* para bandas femininas como *Nightwish*, *Epica* e *The Agonist*, e por conta deste histórico, muitas mulheres aceitavam suas solicitações de amizade, na esperança de que um dia ele notaria sua música e seria a porta de entrada para o sucesso. Para o desgosto dessas mulheres, a realidade era outra.

Uma das vítimas de John que apareceu com o nome fictício de Rachel, conta que aceitou a solicitação de amizade de Finnberg por conhecer sua fama com as bandas e por tê-lo conhecido rapidamente alguns anos antes em um *show* do *Nightwish*.

Rachel foi ao encontro do promotor de eventos e após ser “bajulada” com lugares, comidas e bebidas chiques, ouviu o produtor dizer coisas como: “Minha querida, não importa o quão talentosa você é, a não ser que você encontre as pessoas certas, e eu te prometo, você encontrou a pessoa certa”. Logo após esse comentário, John tentou embebedar Rachel e encostou em partes do seu corpo por dentro das roupas, e quando ouvia a palavra não, ele enlouquecia. Respondia coisas como “eu te odeio vadia”, “espero que o seu bebê seja arrancado de você enquanto o seu ex te estupra inúmeras vezes”. Apesar de repetidas vezes a palavra ‘não’ ter sido usada, não surtiu efeito, perdeu seu poder. O abuso do poder faz com que mulheres se sujeitem a ir ao fundo do poço para que possam ter uma vaga em um palco com grande público.

O exemplo anterior se relaciona com uma situação vivenciada pela vocalista da banda *Evanescence*, Amy Lee, que conta que a gravadora só permitiria o lançamento do *single* e álbum após o vocalista Paul McCoy gravar algumas linhas vocais na música original. A gravadora alegava que como a música iniciava com uma mulher e um piano, os ouvintes necessitavam de “algo familiar”, uma tradução para “a banda só será ouvida com um homem no comando da voz”. Será que se a situação fosse o oposto, eles alegariam que precisaria de uma mulher para que vendesse? Segundo Amy:

Honestamente, as mulheres são ignoradas. Nós somos deixadas de fora. É mais difícil fazer sucesso para estar na mídia ou no rádio porque o nosso rosto não é o rosto clássico e quintessencial do rock...se você está pensando nele como um rosto literal. Acho que está embutido subconscientemente em nossos cérebros que as mulheres no Rock são menos autênticas de alguma forma, como se fossemos a próxima geração. Somos a parte 2. Não o original. Um pequeno nicho sem marca. (LEE, 2021 *apud* REIS, 2020, n.p).

Constantemente precisamos nos provar como musicistas mulheres e frequentemente somos barradas. Todos os dias lutamos para não “demonstrar fraquezas”, “sermos menos emotivas”, suportar a opressão, o julgamento e que devemos “agradar as pessoas, ser educadas, organizadas e boas meninas”.

Na biografia da banda Finlandesa *Nightwish*, a vocalista Tarja passava por momentos de tensão com seus colegas de banda em meados dos anos 2000. Quando o grupo estava em turnê pelo México, a cantora encontrou alguém em que pudesse confiar, seu atual marido e *personal manager*, Marcelo Cabuli. Tarja foi atacada no palco por um fã que se aproveitou do momento em que os seguranças estavam tirando foto da vocalista e tocou em suas partes íntimas. No livro, Tarja declarou que:

Eu fui agredida sexualmente. Marcelo foi o primeiro a chegar e conseguiu tirar o cara de cima de mim com chutes em sua cabeça. Os seguranças só estavam lá para me bajular e tirar fotos. Durante esses 20 segundos, o homem poderia ter feito coisas muito ruins comigo. Minha camisa foi rasgada e minhas extensões de cabelo foram parar no chão. Eu me senti tão envergonhada. Voltei para o palco, faltando três músicas para acabar o show, então eu cantava e chorava e chorava e cantava. Quando finalmente terminou, eu não podia olhar ninguém nos olhos, fui direto para o meu quarto de hotel, e lá acabei chorando e gritando deitada no chão.⁷ (TURUNEN, 2008 *apud* OLLILA, 2008, p.130).

O ataque pode ser visto no vídeo⁸, em que se percebe que os colegas de banda não pararam a música e não a ajudaram. É visível o baixista “passando por cima dela” e fingindo que não é nada. Mais adiante, é possível também vê-la cantando em

7 **Do original:** “I remember the whole thing was so ridiculous: our security guards were just gaping at me there in front of the stage, drooling and taking pictures, Tarja continues. Some crazy guy had the time to get in from the back of the stage and do a lot of bad things in those twenty seconds he was up there. The security didn’t even notice the whole thing. [...] My shirt was all torn and my hair extension was lying on the stage. I felt so ashamed! I felt so awful that I just went backstage. [...] Tarja did not want to give up, however, and the show was finished as planned. “I went back on stage – there was something like three more songs to do – and I sang and cried, cried and sang. I couldn’t look anyone in the eye. After the gig I went straight to my hotel room, and Marcelo left me there. I couldn’t even take a shower, I just cried on the floor.”

8 TTFANS. **Nightwish – Mexico Tour – Live In Guadalajara 28.07.2000.** 2000. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d-9hejTjBxE&t=1513s>>. O ataque acontece aos 25min28s e aos 31min16s enxugando as lágrimas.

choque e chorando. A objetificação chegou ao ponto em que o abuso sofrido é culpa dela, e não de seu agressor.

Um caso parecido foi relatado pela cantora da banda holandesa *Epica*, Simone Simons, que em uma conversa descontraída com Floor Jansen, relata o que aconteceu em um *show*:

Certa vez tive a experiência de um fã subir ao palco e me dar um tapa na bunda e eu me virei e quase bati na cara dele porque aquilo foi tão desrespeitoso, mas ele viu o meu olhar e acho que ele quase se cagou nas calças depois daquilo. Isso é algo inadmissível para mim. E a experiência de ser uma mulher, somente uma cantora, independentemente de ser homem ou mulher. Você é a cantora da banda e todos querem a sua atenção, todos querem chegar perto de você, para saber se você é real. Eles querem te tocar, te beijar, abraçar e eu sou bem aberta, se não gosto de algo, eu falo. Estou no meu direito de proteger a mim mesma. A bolha em que vivemos é desrespeitada várias vezes, talvez não intencionalmente, mas é⁹. (SIMONS, 2021 *apud* JANSEN, 2021, n.p).

Essa tal invasão de privacidade comentada por Simone, vai além do palco e atinge as mulheres da plateia. Homens aproveitam o momento vulnerável da mulher em um espaço pequeno e cheio de gente para passar a mão e saírem impunes.

É absurdo que no século XXI as mulheres ainda precisem olhar por cima de seus ombros para se prevenir de algum ataque. É triste perceber que ainda hoje é necessário ter um homem ao lado para que nada de ruim aconteça. Afinal, a culpa é sempre da mulher, “ela pediu”, “ela usou saia”, “ela beijou o cara”. Por causa de situações como essa que surgiu o movimento *#MeToo* contra a violência sexual e misoginia, que trouxe mudanças sociais. Também em virtude disso, o movimento *#KilltheKing* surgiu como uma campanha contra a masculinidade tóxica que ainda habita a cena do *Metal*. O movimento causou repulsa a algumas bandas como a *Destroyer 666*, que subiu ao palco da cidade natal do movimento para deixar sua opinião sobre o assunto: “Algumas mulheres neste país têm um problema conosco. Eu sei do que elas precisam. De um pau duro! Pau no cú dessas sapatonas e sua

9 **Do original:** “I had once the experience of a fan coming and slapping me in my ass and I turn around and I almost hit him in the face. Because that was so disrespectful but he saw the look on my face and I think he almost shit his pants after that. That’s just a no go for me but just the experience of being a woman, just singer, not depending if you are a woman or a guy. If you are just the singer of the band and everybody wants your attention, everybody wants to come close to you, you know they want to see if you are real. They want to touch you, kiss you, hug you and I’m very vocal, if I don’t like it, I say that. I mean that’s my right to come up for myself. The bubble you live is often disrespected, maybe not intentionally.

politicagem. Esta música é dedicada as vagabundas do *Kill the King*.¹⁰ (WARSLUT; K.K, 2018 *apud* DIREKT, 2018, n.p).

A banda só afirmou o quanto movimentos como *#MeToo* e *#KilltheKing* são necessários para combater as diferenças de gênero, o racismo, a misoginia, a homofobia e a transfobia que ainda existem no meio conservador do *Metal*.

4.1 MÉTODO

Considerando a discussão posta, este trabalho buscou investigar a discriminação sofrida por artistas mulheres no cenário do *Rock* e do *Metal* Brasileiro. A pesquisa tem caráter etnográfico, cujo objetivo foi estudar a cultura e comportamento das mulheres que fazem parte da cena musical. Optou-se pela entrevista semiestruturada, visando permitir um espaço mais amplo de respostas, visto que esta abertura pode enriquecer o trabalho etnográfico.

A fim de preservar o anonimato perante as informações concedidas, optou-se por utilizar nomes fictícios para representar as mulheres. Além disso, foi disponibilizado um termo de confidencialidade para cada entrevistada (ANEXO A), bem como um termo de consentimento para a utilização das informações concedidas neste trabalho (APÊNDICE B). Ambos os termos foram devidamente assinados. Cada uma das entrevistadas recebeu o nome de alguma instrumentista ou cantora famosa do metal mundial, foram eles: Alissa White-Gluz, Cristina Scabbia, Heidi Parviainen, Marcela Bovio, Roxy Petrucci e Sharon den Adel.

A escolha das entrevistadas se deu a partir de uma pesquisa sobre bandas brasileiras de *Rock* em variados gêneros do metal que tivessem integrantes mulheres na formação. Apesar de ser uma pesquisa no Brasil todo, optou-se por não mencionar o local das entrevistadas, limitando-se apenas a escrever as regiões. O recorte foi realizado através de mostragem por conveniência. O contato com as mulheres entrevistadas iniciou na ocasião da gravação do meu álbum *Imperfection*, em (2019). Naquele momento, optei por convidar musicistas mulheres para a participação da gravação dos vocais e, para a realização desta pesquisa, convidei as mesmas mulheres para as entrevistas, visto que já havia realizado contato prévio.

¹⁰ **Do original:** "Some women in this country have a problem with us. I know what They need. Hard dick! Fuck these political cunt suckers".

Para a comunicação com as entrevistadas utilizei a ferramenta de vídeo chamada *Google Meet*. Cada pergunta foi elaborada com o intuito de identificar a presença (ou não) de um padrão de acontecimentos no meio musical e soluções que facilitem e inspirem mulheres a entrarem no *Rock* e no *Metal*. No total foram seis entrevistadas. Posteriormente, foi realizada uma análise comparativa, na tentativa de reconhecer respostas que se repetiam, confirmavam e até que destoavam entre si. A partir deste ponto, foi estabelecida uma confrontação entre as respostas e o referencial teórico, estabelecendo a análise com os resultados obtidos.

4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presença de mulheres na cena *Rock* e *Metal* tem crescido nos últimos anos, não somente nos países estrangeiros, mas também no Brasil. Com isso, a diversidade sonora cresceu e, junto a ela, aumentou a discriminação de que o lugar da mulher não é em um palco. As entrevistadas têm um tempo grande de carreira como musicistas. Desta forma, além do número total de possíveis entrevistadas ser bem pequeno, é importante lembrar que, de certa forma, todas essas artistas tiveram processos e experiências diferentes, mas que se relacionam ao nível do território nacional, e esta perspectiva foi considerada na análise de resultados.

As três primeiras questões do roteiro de entrevista (APÊNDICE A) buscaram conhecer mais sobre as musicistas, seu tempo de carreira e estilo musical que elas acreditam ser o que elas fazem. Na questão número um, sobre o instrumento principal delas, das seis entrevistadas, apenas uma não é vocalista. Também foi possível constatar que todas as entrevistadas focam em seu instrumento principal, tendo em determinado momento da vida tentado tocar algum instrumento para acompanhamento, mas todas se mantêm fiéis à execução de uma tarefa em específico. Interessante ressaltar que todas as entrevistadas iniciaram suas carreiras de forma autodidata, buscando anos depois uma formação mais técnica. As entrevistadas com nomes fictícios Marcela Bovio e Cristina Scabbia são formadas em Bacharelado em Canto. Com respostas bastante diversificadas sobre seus estilos musicais, a maioria iniciou no *Rock* e *Metal* a partir de bandas de *Gothic Metal* ou *Metal Sinfônico*, evoluindo para estilos mais pesados como o *Death Metal* ou para o *Heavy*.

A questão de número quatro do roteiro de entrevista (APÊNDICE A) buscava entender o início de sua formação musical, primeiras bandas e os motivos que as levaram a entrar para a cena. Todas iniciaram cedo, por volta dos 13 ou 14 anos. A entrevistada Alissa White-Gluz fala sobre sua primeira banda:

A minha amiga estava tocando bateria em uma banda onde ela era a única mulher e um dia gente estava conversando e eu falei para ela: 'Amiga, eu queria muito montar uma banda, mas eu não conheço as pessoas assim como você conhece'. Eu falei bem despretensiosa e tipo não era nada de 'A eu quero uma banda agora'. Ela olhou pra mim e disse eu vou montar uma banda, você vai cantar! Foi um susto, eu não estava esperando aquilo, porque eu ainda nem sabia fazer o gutural, mas na hora eu disse: 'Eu topo'. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹¹.

Conforme as conversas foram acontecendo nas entrevistadas, foi possível observar que seus inícios em bandas foram mais espontâneos do que planejados, assim como foi para a vocalista Cristina Scabbia. O momento especial em que ela se viu como vocalista foi quando escutou pela primeira vez o disco *Unleashed Memories* do *Lacuna Coil*. Inicialmente ela quis ouvir o álbum pela arte do encarte, mas quando começou a folhar e viu a vocalista mulher da banda, seu desejo por ouvir o *CD* aumentou tanto que ela o levou para casa para ouvir. No dia seguinte o amigo que havia lhe emprestado o *CD* a questionou sobre sua música favorita, ela não sabia o nome, mas soube cantar um trecho para ele. Um tempo depois, esse amigo a convidou para fazer parte da banda nova dele, uma banda *cover* de *Lacuna Coil*.

Para muitas entrevistadas, o início da participação da cena foi espontâneo, cujas motivações foram desde um comentário sobre alguma banda ou estar assistindo ao ensaio da banda e cantar sem intenção e acabar virando a vocalista da banda, e assim por diante. Para a baterista Roxy Petrucci foi diferente. Ela recorda que seu início, até seus 24 ou 25 anos, foi de muita luta, luta para aprender a tocar, luta para arrumar gente para tocar e formar a primeira banda. A luta para aprender a tocar era diária, já que ela não tinha uma bateria que fosse dela, sua bateria eram caixas de papelão, painelas ou o sofá. "Muita gente não queria tocar comigo, a galera me via tocando e falava: Pô, ela nunca teve o instrumento, ela nunca teve aulas, nunca teve nada disso." (INFORMAÇÃO VERBAL)¹². Apesar desses comentários, a baterista

11 ANÔNIMO. Entrevista I. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

12 ANÔNIMO. Entrevista V. Nov. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

nunca desistiu. Segundo ela, “A vontade de fazer isso acontecer era tanta que eu tive amigos que, apesar de saberem tudo isso, me incentivaram e formaram banda comigo.” (INFORMAÇÃO VERBAL)¹³.

A questão número cinco teve o objetivo de conhecer as bases de apoio fundamental para meninas no mundo da música: a família. Quatro contaram que suas famílias foram parte importante em suas vidas, como no caso da cantora Heidi Parviainen, que comenta que seus pais sempre a apoiaram e diziam que ela tinha que fazer o que gostava, acompanhando até nos *shows* que ela fez. Da mesma forma, Cristina Scabbia conta sobre sua mãe e que elas fizeram história no *Metal Underground* da sua cidade:

Minha mãe sempre foi muito liberal com a gente, tanto que a nossa casa virou um point para quem queria ouvir Metal. A minha mãe deixava a gente colocar o som na varanda de casa e o pessoal ia lá ouvir as coisas novas que a gente achava nas lojas de disco. [...] as vezes vinha amigos nossos e as vezes vinha um pessoal que a gente nem conhecia, mas minha mãe adorava e deixava a gente ali curtindo como se fosse um bar enquanto ela via tv dentro de casa. [...] Com o tempo teve reuniões de banda, bandas se formando, ensaios e shows tudo na varanda da minha casa. [...] Fizemos história, graças a minha mãe ser tão tranquila com a gente. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁴.

Apesar de quatro das entrevistadas terem momentos bons de incentivo familiar, outras quatro também contam as situações negativas que tiveram com a família. Duas delas, tinham incentivos familiares bons, através de mães e avós, mas rejeição pelo restante da família, como no caso de Marcela Bovio:

Minha mãe ia em tudo que era buraco comigo e me apoiava sempre, era uma pessoa fantástica. [...] Mas o restante da minha família, até hoje não me respeita por fazer música. Eu vivo disso, mas para as pessoas acham que eu tô brincando. Eu sustento minha casa sozinha, sem ajuda de ninguém, basicamente só dando aula de música e fazendo alguns cachês, mas para eles não é profissão. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁵.

A vocalista Alissa White-Gluz também fala sobre o preconceito que sofreu com sua família, mas que envolvia a religião:

13 ANÔNIMO. Entrevista V. Nov. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

14 ANÔNIMO. Entrevista II. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

15 ANÔNIMO. Entrevista IV. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

Apesar do meu pai sempre ter me apoiado e incentivado a cantar [...] aqui onde eu moro o Rock e, principalmente o Metal, são muito marginalizados, principalmente com uma mulher fazendo gutural do jeito que eu faço. A minha mãe detesta, passamos por várias situações que eu queria fazer show e ela me questionar se valia a pena. E além do mais ela é muito religiosa e pra ela isso é inadmissível, o jeito que eu canto. Como ela diz: cantar como o capeta. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁶.

Relacionando as falas de Alissa e Marcela, podemos associar com os assuntos que o *Girls Rock Camp* abordam sobre quebrar as barreiras que são colocadas para as mulheres, que não importa se você canta como “o capeta” ou como “um anjo”, você está no lugar que te faz feliz e que te completa, independentemente do seu gênero, religião ou cor. (DUTRA, 2017). Com isso, podemos nos reportar à Leppert (1991), quando diz que a prática musical era reservada às mulheres, desde que tocassem um instrumento de teclas e que fosse para entretenimento. Roxy Petrucci foi “contra a maré” e quis tocar bateria. Ela conta que sua família não a apoiou, inclusive, seu irmão tocava bateria, mas se negava a ajudar ou emprestar o instrumento para ela tocar. A baterista ouviu coisas como: “Bateria não é instrumento de menina”, “Você não vai dar conta”, “O instrumento é muito pesado pra você.” (INFORMAÇÃO VERBAL).¹⁷ Sem o apoio da família para fazer aula, Roxy enganava sua mãe ao pedir dinheiro para outras coisas, reservava de 2 à 3h em estúdio, “roubava” os pratos do irmão e ia tocar bateria. Chegava em casa com o pé inchado por não saber usar o pedal direito, pulso doendo, mas assim como ela mesma disse: “Meti a cara e fui aprender. [...] 17 anos depois de bateria e estou aqui, foi amor ao primeiro barulho.” (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁸.

A questão seis entra no assunto mais crítico da entrevista, as dificuldades enfrentadas no cenário *Rock e Metal*. Os estudos feministas apontam o sujeito padrão tradicional ao que estamos acostumados na sociedade e, conseqüentemente no meio da cena *Rock e Metal* isso não é diferente, as mulheres precisam lutar contra essa comodidade, lutar para quebrar com esses padrões arcaicos. A baterista Roxy Petrucci conta sua experiência ao ser barrada em seu próprio palco:

16 ANÔNIMO. Entrevista I. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

17 ANÔNIMO. Entrevista V. Nov. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

18 ANÔNIMO. Entrevista V. Nov. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

Às vezes eu tava com os caras montando a bateria eles achavam que eu só tava ajudando e quem era o baterista era um homem. Quando falavam a baterista é ela, os caras já diziam: ‘Mas é uma mulher’. Já desacreditando em mim. [...] Teve muito show que o nosso roadie ia e a galera achava que ele era o cara que ia tocar a bateria. E várias vezes eu quase não toquei o meu próprio show por causa da galera falar: ‘Não, é mulher, não dá para tocar o instrumento. Ela vai destruir a bateria, vai furar a pele da bateria. [...] Quando os caras veem eu e minha vocalista fazendo algo que teoricamente é masculino (tocar bateria e o gutural), quebra o paradigma e incomoda muito eles. Incomoda muito e a gente percebe isso nas conversas e nas postagens [...] mas continuamos na luta, vão se estressar com a gente, vão se abusar com a gente, mas continuamos na luta, resistência é o que mostra o nosso poder. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁹.

Também sobre isso, Alissa White-Gluz comentou que:

Em 2017 em um evento grande, a minha banda subiu no palco e eu não tinha nada para montar e eu tava no cantinho do palco esperando. O roadie veio com microfone na minha direção e eu estendi a mão para pegar, ele puxou o microfone para trás e falou: ‘Você desça’. Ai eu tentando falar: ‘Mas eu sou...’ e quanto mais eu tentava falar, mas ele me interrompia e dizia: ‘Aqui não é lugar para groupie não, pode descer’. Ele só veio me entregar o microfone quando o guitarrista da minha banda, que na época era meu marido, chegou e falou para ele: ‘Ela é a vocalista’. Ele me deu o microfone de cara fechada e olhando para o lado, fiz o show super engasgada, mas também na força do ódio. (INFORMAÇÃO VERBAL)²⁰.

Ser mulher dentro de uma cena que é majoritariamente masculina, branca, hétero, faz com que as mulheres tenham dificuldades, faz com que os assédios sejam “normalizados”. Segundo a cantora Heidi Parviainen: “No começo dos nossos eu sempre sofria assédios depois de sair do palco, porque eu era menor e era mais magrinha, mas nos últimos de shows eu já não sofria mais por ter mudado minha estética corporal” (Informação verbal)²¹. Esse comentário da cantora Heidi vem ao encontro de um acontecimento recente com a vocalista Amy Lee, da banda *Evanescence* foi atacada em *tweet* da *Loudwire*. A postagem comenta que Amy deveria fazer uma dieta, pois seus braços eram asas de “bingo”²². Comentários como esses nos fazem pensar que nem o controle da nossa aparência nos é permitido. Somos objetos, forçadas a ter a imagem da deusa perfeita. Segundo Marcela Bovio:

19 ANÔNIMO. Entrevista V. Nov. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

20 ANÔNIMO. Entrevista I. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

21 ANÔNIMO. Entrevista VI. Nov. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

22 **Do original:** *Rocktopuss: Why the fuck won't that Amy Lee go on a diet? Look at those bingo wings! Yuk!*

A banda de trash que eu cantava, foi tocar num moto clube e eu tava lá com a minha regatinha do Megadeth e os caras olhando torto, até que um cara falou: 'Olha lá o cover de Avril Lavigne'. Fiquei quieta, mas a gente abriu o show com Postmorte Raining Blood do Slayer e os caras ficaram chocados. Tipo 'o capeta' saiu dessa menina. É muito chato, e já teve gente que falou: 'Ai quando eu olhei para você achei que fosse só uma coisa ou quem olha para você não diz que você faz isso'. No geral se você tá vestida largada, aí é porque você tá largada. Agora se você tá toda toda, aí nossa você é diva. Ser mulher é ruim. Existir como mulher é ruim. (INFORMAÇÃO VERBAL)²³.

O comentário da Marcela vem ao encontro a fala da May Puertas no capítulo sobre mulheres no *Rock* e no *Metal*. A aparência feminina nunca satisfaz os dois lados, ou agrada um lado ou decepciona o outro, muitas vezes esquecendo de satisfazer a si mesma sem medo de retaliação. É o machismo da mulher contra a mulher, como nas situações que as entrevistadas Alissa White-Gluz e Roxy Petrucci contam:

Eu tocava com uma banda só de mulheres de São Paulo e elas tinham preconceito por eu ser da onde eu sou. Elas falavam que só tavam comigo porque era o que tinha para o momento, mas a partir do momento em que elas não precisassem mais de mim, elas iam me descartar. [...] Eu ouvia delas: 'Você tá num nível técnico muito atrás do nosso', "Você tem muito que melhorar ainda no seu instrumento", "A questão de você ser da onde você é atrapalha a logística". [...] Poxa, então porque insistiram para eu entrar para a banda? (INFORMAÇÃO VERBAL)²⁴.

Quando a Fernanda Lira saiu da Nervosa, ela me procurou para dar aulas de vocal para ela e eu fiquei tipo: 'Porra quem sou eu perto de tudo que a Fernanda conquistou?' [...] Ela veio a mim porque muita gente negou de fazer esse trampo com ela, porque não queriam que ela se sobressaísse mais. E ela sempre foi muito humilde, porque ela não precisava contar para ninguém que tava tendo aula comigo, mas ela fez questão de falar em entrevistas e dizer que eu sou inspiração para ela. Ai você vê que não tem ego, elas quer apoiar mesmo a cena. [...] Em relação das aulas, uma mulher, professora de gutural de SP, veio passar férias aqui e eu fui super solícita com ela e ela me disse: 'Você sabe porque a Fernanda te procurou?' E eu falei: 'Ah, ela disse que curte meu trampo e a gente já fez shows juntas' E ela me respondeu: 'Não, ela te procurou porque você é do Nordeste e ninguém vai saber quem você é'. (INFORMAÇÃO VERBAL)²⁵.

Como exigir a aceitação na cena majoritariamente masculina se as mulheres que exigem respeito, não respeitam as outras? A entrevistada Cristina Scabbia pontua: "Quem se fortalece dentro de casa, sai mais forte para enfrentar o mundo."

23 ANÔNIMO. Entrevista IV. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

24 ANÔNIMO. Entrevista V. Nov. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

25 ANÔNIMO. Entrevista I. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

(INFORMAÇÃO VERBAL)²⁶. Também sobre isso, Alissa White-Gluz e Marcela Bovio comentam que:

É aquele estereótipo de São Paulo, no bar tem sempre o cabeludo com a camiseta do Iron, segurando uma Heineken numa mão e com a outra abraçado numa ruiva. Ai a ruiva sai e monta uma banda e o discurso vira: 'Nossa, ela é vagabunda, tá montando a banda pra se mostrar e se achar. Só pra pegar os caras'. (INFORMAÇÃO VERBAL)²⁷.

Fomos tocar num festival aberto no interior [...] um festival com vários tipos de banda com gênero mais alternativo. [...] Quando terminou o show eu fui sentar do lado de uma van que tava dando suporte pras bandas e eu fui comer junto com a minha banda. Tinha um grupo de caras atrás da gente, que viu que era nós que estávamos ali comendo, eles aumentaram ainda mais o som pra provocar. E eu tava de costas e só escutei: 'Isso aí é uma puta que não tem o que fazer, se prestar a um papel desse'. Eu não quis acreditar que era comigo, mas minha amiga, roadie na época disse que era comigo e que eles continuavam. Aquilo foi subindo a minha cabeça porque tinha vários homens ali a minha volta e ninguém se quer me defendeu ou pediu pra que eles parassem. E eles falando: 'É coisa de quem não tem o que fazer', 'Isso aí é uma palhaçada, uma presepada, com certeza não tem uma lavadora de roupa em casa pra lavar. Aquilo me irritou e eu perguntei pra eles se era comigo. [...] Responderam que era comigo sim. Questionei se fosse um cara cantando se ele falaria do mesmo jeito com ele? Afinal a banda não era só eu, tinha o guitarrista, o baixista e a baterista, porque eles só se referiam a mim? Eles mesmos responderam: 'Porque o que você faz é horrível, é coisa de puta que não tem o que fazer'. (INFORMAÇÃO VERBAL)²⁸.

Todas as entrevistadas têm família, trabalho, às vezes mais de um para sustentar a casa, algumas com filhos e nem por isso elas falharam como mães ou como instrumentistas, muito pelo contrário, elas são símbolo de luta e orgulho. Heidi Parviainen e Cristina Scabbia contam alguns comentários misóginos que ouviram:

Lançamos nossa primeira demo e saímos numa coletânea junto com outras bandas. Tocamos em uma rádio e tinha um cara que tava comentando sobre as bandas. E esse comentário me marcou pra sempre, ele falou: 'Eu não sou misógino, mas mulheres cantando metal não combina'. (INFORMAÇÃO VERBAL)²⁹.

Eu tinha 16 anos, com a minha primeira banda toquei num concerto aberto aqui do Norte e foi incrível [...] quando eu desci do palco, um músico daqui [...] um músico medíocre que só toca música de quatro notas e acordezinho e ainda erra. [...] Quando eu passei por ele, foi o primeiro baque que eu tive, a primeira vez que eu percebi que eu tinha que ser a Cristina que eu construí hoje em dia, que quebra portas e que não poderia me render a comentários

26 ANÔNIMO. Entrevista II. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

27 ANÔNIMO. Entrevista IV. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

28 ANÔNIMO. Entrevista I. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

29 ANÔNIMO. Entrevista VI. Nov. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

negativos. [...] Quando eu passei ele falou em alto e bom tom pra todo mundo ouvir: ‘Canta nada’ [...] Quando eu voltei do banheiro eu perguntei se ele tinha dito aquilo pra mim e ele disse: ‘Sim, você é muito desafinada e seu timbre é feio’. Me detonou. [...] E eu disse: ‘Certo, vou guardar sua opinião pra evoluir’. (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁰.

Seguindo a entrevista, as perguntas sete, oito e nove se relacionam (APÊNDICE A) ao tentar entender se as entrevistadas acreditam ter havido mudanças positivas na cena, ou por outro lado, o que ainda renova os preconceitos e que ação pode ser tomada para reduzir as discriminações. As respostas das seis entrevistadas foram semelhantes, sempre mirando na união das mulheres. A entrevistada Marcela Bovio diz que era aquela coisa: “Metal Sinfônico é coisa de mulherzinha, antes falavam isso pra diminuir. Hoje a gente fala, Sinfônico é o som das mulheres à frente, a gente subverteu isso que falavam.” (INFORMAÇÃO VERBAL)³¹. Já Cristina Scabbia não sabe se houve mudanças, segundo ela, o que houve é que as mulheres estão se impondo: ‘Eles vão nos engolir’.

Não sei se eu digo respeito, porque respeito dentro do metal é muito seletivo. [...] Hoje temos espaço, só temos o espaço porque a gente tá se organizando, movimentando a cena. Qual banda depois de Krisiun e Sepultura que conseguiu uma ascensão internacional? Um respeito internacional? Nervosa. [...] Hoje eu não acredito que a gente tenha respeito, eu não acredito que os caras considerem tipo a maioria que é majoritariamente um meio masculino e misógino, no entanto eles tiveram que baixar a bolinha. (INFORMAÇÃO VERBAL)³².

Sobre a manutenção de preconceitos, assunto relacionado à pergunta oito, a cantora Marcela Bovio comenta que “É essa coisa que a gente sempre conviveu da mulher ficar confinada ao lar, sempre atrás do homem. Enfim, ser colocadas para fora da vida pública e conseqüentemente da música.” (INFORMAÇÃO VERBAL)³³. À medida que as mulheres crescem, as pessoas ficam brabas e tecem comentários como “Chegou a polícia do politicamente correto”. Não estou sendo politicamente correta, só estou falando, não objetifique as mulheres no seu *show* tipo o Motley Crue que parava o *show* pras meninas mostrarem os peitos, diz Marcela. (INFORMAÇÃO

30 ANÔNIMO. Entrevista II. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

31 ANÔNIMO. Entrevista IV. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

32 ANÔNIMO. Entrevista II. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

33 ANÔNIMO. Entrevista IV. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

VERBAL)³⁴. E não é que tudo hoje em dia é machismo, essas coisas sempre existiram, a diferença é que só agora a gente tem coragem para revidar.

A vocalista Alissa White-Gluz diz que o problema é o ego das pessoas, tanto de mulheres quanto de homens. Ela conta que quis priorizar mulheres para fazer algum som, e não conseguiu muitas porque muitas diziam para ela: ‘Ah não dá pra fazer’ ou aceitavam e a deixavam esperando por seis meses e desapareciam. Segundo ela: “Falar que apoia é muito bonitinho, mas fazer é meio que aquele medo, a menina pode se sobressair a mim. É o principal ponto pra mim que não deixa as pessoas evoluírem. É o ego.” (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁵.

Da mesma forma que a questão anterior, a pergunta nove teve resposta unânime, sendo que todas comentaram sobre a importância da união entre as mulheres, sobre o aumento da produção de eventos por mulheres, sobre chamar bandas de mulheres, cuidando sempre para que festivais com mulheres não vire uma marca, um mercado a ser comercializado ao invés de uma luta legítima de pessoas que se uniram e se fortaleceram pela causa. A entrevistada Sharon Den Adel diz:

O que a gente pode fazer? A gente tem que começar a se impor, a falar, não ficar quieta, ter um grupo de amigas para se apoiar e perceber os abusos que acontecem ao redor. O que as vezes ferra com a situação é que todos se calam. E tem muito cara que nunca ouviu uma banda de mulheres e quando aparece uma, não quer ouvir, só vai ouvir aquela que a mina tá toda gostosinha. Só porque ele quer ver a mulher como um objeto. (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁶.

Parafraseando Angela Davis, essas mulheres não estão ignorando desaforos que não podem mudar, mas estão mudando tudo que não podem mais aceitar.

4.2.1 Outros

4.2.1.1 Algumas notas interessantes sobre os depoimentos

34 ANÔNIMO. Entrevista IV. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

35 ANÔNIMO. Entrevista I. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

36 ANÔNIMO. Entrevista III. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

Um dos pontos positivos de se realizar uma entrevista etnográfica é a riqueza de informações que podem surgir para além dos tópicos das entrevistas. As respostas das entrevistadas mostraram situações diversas como intolerância religiosa, racismo e objetificação do corpo feminino. Uma das entrevistadas comenta que foi criticada por acreditarem que fazia parte de uma banda de *White Metal*.

Uma época surgiram boatos de que minha banda era White Metal e que eu deveria ser banida do circuito, e não só banida, eu tinha que morrer. Fizeram um grupo no Facebook com a minha foto e o símbolo aquele de proibido na minha cara, escrito: 'Morte a Alissa White-Gluz'. Ai no meu Facebook chegava mensagem de ameaça de galera falando que eu não tinha que tá no meio, que eu era uma cristã, que eu era uma nojeira de cristã e que eu não podia estar no meio deles. E tudo isso surgiu por causa do meu sobrenome. As pessoas não sabiam que aquele era o meu sobrenome, achavam que era um apelido que eu usava, codinome, nome artístico e remetiam isso a religião. Na época do Facebook minha família tinha muito acesso, então eles comentavam muitas coisas: 'Fique com Deus' e tal, enfim, minha família comentava, o que que eu ia fazer? Eles tiravam print disso tudo e botavam lá nos grupos de Metalhead, tudo que envolvia minha banda eles boicotavam. A gente tinha assessoria de imprensa que a gente pagava e a assessoria chegou e falou pra mim que não dava para fazer as coisas porque a minha banda era White Metal e que eu estava queimando ele e o trabalho dele. Eram coisas que não tinham embasamento, eu falava: 'Gente, vocês já pararam para ler as letras da Arch Enemy? Eu não falo em nenhum momento de religião, eu falo sobre transtornos, depressão, problemas políticos, sobre isso, não tem nada a ver com religião. Não falo nem bem, nem mal. E a galera nem se quer parava para escutar. (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁷.

Assim como a intolerância religiosa, outra entrevistada comenta sobre o racismo na cena *Rock* e *Metal*. Segundo Cristina Scabbia:

Hoje eu percebo que a minha maior dificuldade foi ser uma mulher fora do padrão dentro de um segmento que tinha um padrão forjado. Como eu comecei dentro do Gothic e do Doom a gente tinha um padrão de beleza onde era uma menina muito branca, de cabelo preto, magra, apesar de que hoje a gente percebe que algumas cantoras na época não eram tão padrão tipo a Vibeke do Tristania, não era um padrão. Hoje analisando né. [...] Apesar de em outras bandas vemos cantoras não tão padrão, elas eram mulheres europeias. Então isso acaba sendo um padrão de certa forma. Então eu ser uma mulher preta, que não é uma mulher magra, do extremo Norte do Brasil, isso de certa forma me trouxe dificuldades porque isso acabou invalidando os meus trabalhos. (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁸.

37 ANÔNIMO. Entrevista I. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

38 ANÔNIMO. Entrevista II. Out. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

Outro ponto que apareceu nas respostas das entrevistadas foi a objetificação do corpo feminino e a discriminação em relação ao que não é exatamente o padrão de beleza. Heidi Parviainen comenta que sofre críticas relacionadas à sua aparência:

Tem muitos comentários na internet falam que eu não canto nada, que eu sou gorda e que eu nunca vou ser a Amy Lee. Quando eu nunca falei que eu quero ser ela". (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁹.

A luta feminina é diária e cansativa, não lutamos somente para sermos ouvidas, mas para sermos aceitas em todas as nossas diferentes formas. Não somente nos tempos atuais, somos castradas e podadas, situação enraizada na humanidade, tornando situações simples em situações problema. A luta continua, não estamos sozinhas.

39 ANÔNIMO. Entrevista VI. Nov. 2021. Entrevistador: Ingridi Verardo de Moraes. Veranópolis. As perguntas encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a conclusão das análises no capítulo anterior, é importante comentar que muitos relatos não apareceram no trabalho porque não havia tempo hábil para transcrever tudo. De uma forma geral, a análise dos resultados demonstrou que as musicistas concordam que o apoio entre as mulheres é o que irá nos manter firmes e fortes no meio. Entendem que é importante diminuir a competição e aumentar a divulgação e união, que são os pilares para que continuem tendo cada vez mais mulheres no *Rock* e no *Metal*.

Gostaria de destacar que senti falta de ter tido respostas de outras musicistas contatadas, que não puderam fazer as entrevistas. Seria de grande proveito ter ouvido suas histórias sobre bandas com públicos gigantes.

A partir da confrontação entre as respostas das entrevistadas e a pesquisa bibliográfica, foi possível verificar que de alguma forma todas as mulheres já passaram por situações negativas na cena *Rock* e *Metal*. Também ficou evidente que as entrevistadas acreditam que a única via para lutar contra o preconceito na cena é a união e a resiliência.

Para finalizar, é necessário lembrar que o *Rock* e o *Metal* costumam ser associados à crítica social, à rebelião, a “nadar contra a corrente”, a ter pensamentos e pontos de vista diferentes, a quebrar as regras da sociedade e a assumir quem você é. Porém, vemos que até mesmo no *Rock* encontramos a repetição dos padrões sociais, que se reflete no machismo, racismo e demais discriminações que fazem parte da cena.

REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ, Pilar Sánchez. **Definición del feminismo: inicios del movimiento**. 2020. ICMUJERES. Disponível em: <https://www.icmujeres.gob.mx/wp-content/uploads/2020/05/Feminismos-s.f-y-l.pdf> Acesso: 10 Set. 2021.
- BASTARDAS, Marta Thomen. **Tipos de feminismo que existem na atualidade. Psicologia Online**. 2020. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/tipos-de-feminismo-que-existem-na-atualidade-456.html> Acesso: 05 Ago. 2021.
- COLLINS, Patricia Hill; BLIGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução: Rane Souza. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CLINGER, Carlos. **Documentário Metal é só para Homem? Heavy Metal Online Web Tv**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aaLZcMxwZRc> Acesso: 12 Nov. 2021.
- DE PAULA, Fabiana. **Mulheres no Rock: Por que ainda somos tão poucas?** Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes. 2015. Disponível em: http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/mulheresnorock_artigo.pdf Acesso: 12 Nov. 2021.
- DIREKT, Stockholm. **Södran tar avstånd fran band som kvinnohatade**. 2018. Stockholm mitti. Disponível em: <https://www.mitti.se/nyheter/sodran-tar-avstand-fran-band-som-kvinnohatade/reprai!ukrO9vAls5cmgTfjFaMSPg/> Acesso: 05 Set. 2021.
- DOSSIÊ SUPER INTERESSANTE. **A história do Rock**. São Paulo: Editora Abril, 2019.
- DOMENICI, Catarina Leite. **A performance musical e o gênero feminino. Estudos de Gênero, Corpo e Música: abordagens metodológicas**. Pesquisa em Música no Brasil, v. 3. ANPPOM. 2013. p.89 e 90.
- DUTRA, Mari. **Girls Rock Camp: quando o empoderamento de meninas acontece pela música. Hyperness**. 2017. Disponível em: <https://www.hyperness.com.br/2017/07/girls-rock-camp-quando-o-empoderamento-de-meninas-acontece-pela-musica/> Acesso: 02 Set. 2021.
- FISS, Owen M. **¿Que es el Feminismo?**1973. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5109773.pdf> Acesso: 15 Out. 2021.
- HILL, Lucy Rosemary. **Gender, Metal and the Media: Women Fans and the Gendered Experience of Music**. Pop Music, Culture and Identity. School of Sociology and Social Policy – University of Leeds. 2016.
- JANSEN, Floor. **Being a Woman in Metal ft. Simone Simons – FLOOR FINDS #7**. 2021. Floor Jansen. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yK0PtS9Rprk> Acesso: 10 Nov. 2021.

KIRTLAND, Jill Hughes. **Not just Tits in a Corset: Celebrating Women in Metal.** Blurb, 2014.

LEPPERT, Richard. **The sight of sound: music, representation, and the history of the body.** Berkeley: Universit of California Press, 1993. p.67 e 68.

LIRA, Fernanda. **Live SepulQuarta – LIVE Q&A with Fernanda Lira, Angélica Burns, Mayara Puertas & Eloy Casagrande.** 2020. Sepultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9ATGKZKsurM> Acesso: 05 Ago. 2021.

LOUDWIRE. WATCH: @AmyLeeEV and @LZZYHALE cover @linkinpark's "Heavy": 2021. Loudwire. Disponível em: <https://twitter.com/Loudwire/status/1457399952620068876> Acesso: 18 Nov. 2021.

MAIATO, Gustavo. Entrevista com Liv Kristine: “**Às vezes, meus álbuns me assustam! Eles são muito pessoais, é como olhar no espelho**”. 2021. Disponível em: <https://gustavomaiato.alboompro.com/post/59942-entrevista-liv-kristine> Acesso: 25 Ago. 2021.

MARTINELLI, Andréa. **Angela Davis: ‘quando as mulheres negras forem finalmente livres, o mundo será livre’.** 2019. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/destaques/angela-davis-quando-as-mulheres-negras-forem-finalmente-livres-o-mundo-sera-livre/> Acesso: 30 Ago. 2021.

MIGUEL, Ana de. LOS FEMINISMOS. Celia Amóros – **Diez Palabras clave sobre mujer.** 2000. Pamplona, Verbo Divino. Disponível em: <https://acoca2.blogs.uv.es/files/2013/12/Los-feminismos.pdf> Acesso:23 Nov. 2021.

MOREIRA, Isabella. **4 reflexões para conhecer o pensamento de Angela Davis.** 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/11/4-reflexoes-para-conhecer-o-pensamento-de-angela-davis.html> Acesso: 20 Nov. 2021.

NOBRE, Fábio. **A História do Heavy Metal – Capítulo 1: Origens e Influências.** 2019. Disponível em: <https://www.collectorsroom.com.br/2019/07/a-historia-do-heavy-metal-capitulo-1.html> Acesso: 01 Jan. 2022.

OLLILA, Mape. **Once Upon a Nightwish: The Official Biography.** 2.ed. Deggael Communications. 2008.

PACIEVITCH, Yuri. **Heavy Metal.** INFOESCOLA. Disponível em: <https://www.infoescola.com/musica/heavy-metal/> Acesso: 05 Jan. 2022.

PORTO, Patricia Pereira. **Material do Curso de Extensão de História do Rock: do clássico ao extremo.** Universidade de Caxias do Sul. 2016.

REIF, Laura. **Entenda as linhas de pensamento de cada corrente do movimento feminista.** AZMINA. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/radical-liberal-interseccional-conhec-as-principais-vertentes-do-feminismo/> Acesso: 20 Out. 2021.

REIS, Ana. **Amy Lee, do Evanescence, reflete sobre a dificuldade de ser mulher no Rock**. 2020. Papel Pop. Disponível em: <https://www.papelpop.com/2020/08/amy-lee-do-evanescence-reflete-sobre-a-dificuldade-de-ser-mulher-no-rock/> Acesso: 04 Ago. 2021.

RIBEIRO, Natália. **A Sexualização das Mulheres no Metal**. 2015. Metal Ground. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zY6L7didgd0> Acesso: 05 Nov. 2021.

SATTLER, Janyne. **Epistemologia Feminista**. 2019. Disponível em: <https://cpgd.paginas.ufsc.br/files/2019/05/Epistemologia-Feminista-texto-para-leitura-pr%C3%A9via.pdf> Acesso: 05 Ago. 2021.

SILVA, Silvana B.G. **Feminismo Negro no Brasil: história, pautas e conquistas**. 2019. Politize. S/N. Disponível em: <https://www.politize.com.br/feminismo-negro-no-brasil/> Acesso: 13 Nov. 2021.

SILVA, Wlisses James de Farias. **Heavy Metal No Brasil: Os incômodos perdedores (década de 1980)**. 2014. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

SILVA, Jaime Luis da. **Muito além do barulho: uma aproximação sobre a identidade do heavy metal representada na revista Rock Brigade**. 2008. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Silva-_identidade_Heavy_Metal_revista_Rock_Brigade.pdf Acesso: 14 Ago. 2021.

STAGGS, Matt. **Bassist Sean Yseult: ‘I had girls coming backstage to meet me thinking I was a dude’**. 2020. Braingell Radio. Disponível em: <https://www.braingell.com/?p=12903> Acesso: 03 Abr. 2021.

TORRACA, Douglas; AGUIAR, Luis Augusto; LEITE, Augusto. **Tá no Sangue! A história do Rock Pesado Gaúcho. Anos 70 e 80**. 1.ed. Porto Alegre: Ed. Do Autor, 2014.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS PELO MEET

1. Qual instrumento você toca?
2. Há quanto tempo toca/canta?
3. Que estilo de Rock/Metal você faz?
4. Como começou a tocar em bandas de Rock/Metal? Quais foram as motivações?
5. Em relação à sua família, como ela reagiu com a sua escolha de entrar no cenário Rock/Metal?
6. Quais as dificuldades que você encontrou por ser mulher no cenário Rock/Metal? Pode citar algumas situações?
7. Você identifica mudanças positivas na cena em relação a discriminação? Se sim, quais?
8. Atualmente, a que você atribui a manutenção de preconceitos em relação às mulheres no Rock/Metal?
9. Quais ações você acredita que poderiam ser tomadas para reduzir a discriminação no cenário Rock/Metal?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO ENVIADO AS ENTREVISTADAS

ÁREA DE ARTES E ARQUITETURA
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

Termo de Consentimento

Após ter sido devidamente informado(a) de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, concordo em participar na referida pesquisa e a participar da entrevista proposta.

Assinatura do participante:

Atesto que expliquei a natureza e o objetivo do estudo, bem como os possíveis riscos e benefícios deste junto ao participante. Penso que todas as informações necessárias lhes foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível, e que o participante compreendeu do que a pesquisa se trata. Por fim, me comprometo a garantir integridade do conteúdo e anonimato do autor.

Endereços para contato:

E-mail: ivmoraes@ucs.br

Fone: +55 54 996275501

Pesquisador responsável:

Nome legível: Ingridi Verardo de Moraes

Assinatura: _____

ANEXO A – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE ENVIADO AS ENTREVISTADAS



ÁREA DE ARTES E ARQUITETURA
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

Termo de Confidencialidade

Eu, Ingridi Verardo de Moraes, Brasileira, portador da carteira de identidade n.º 4105579462, expedida pelo SJS, e do CPF n.º 03502949093, residente e domiciliado na Rua Fioravante Boff 657, Femaçã, 95330-000, Veranópolis – RS, assumo o compromisso de manter confidencialidade e sigilo sobre todas as informações adquiridas através do depoimento concedido gratuitamente pelo(a) entrevistado(a) como subsídio à construção de meu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado NARRATIVAS DAS MULHERES NO METAL: um estudo sobre os processos de discriminação na cena, sob a orientação da Profa. Dra. Patrícia Porto.

A vigência da obrigação de confidencialidade e sigilo, assumida pela minha pessoa, por meio deste termo, só poderá ser quebrada mediante autorização por escrito, concedida à minha pessoa.

Ingridi Verardo de Moraes

Assinatura

Veranópolis, 01 de outubro de 2021